

usha velasco

uma outra brasília



uma outra brasília

usha velasco

Fotografias, edição e design gráfico:  
Usha Velasco

Textos:  
Joaquim Paiva, Luis Humberto, Susana Dobal e TT Catalão

Produção:  
Aloísio César

2ª edição; 116p.  
Brasília, novembro de 2020

Para meus pais, Marco Antônio e Valéria  
Para minhas filhas, Luísa e Bruna



A beleza de Brasília são as suas estátuas invisíveis.  
(Clarice Lispector)

## Sumário

Apresentação	
Cúmplice da luz Luis Humberto .....	10
Outras, são tantas quantas...	
TT Catalão .....	28
Sob a forma de afago, as sombras	
Susana Dobal .....	54
A construção de uma história visual	
Joaquim Paiva .....	88

# Cúmplice da luz

Luis Humberto\*

A fotografia é um ato de descoberta, intermediado por todo um processo tecnológico, que atribui valor e, possivelmente, encanto a coisas perdidas nas dobras da banalidade cotidiana.

O ver leva-nos a produzir imagens a serem partilhadas com sensibilidades que estejam em sintonia conosco.

Não podemos esperar a aceitação unânime de nosso trabalho, pois isso poderia levar-nos a concessões capazes de conduzir-nos à diluição de nossa integridade.

O fotógrafo é um investigador do corriqueiro e um cúmplice da luz. É com ela que nos associamos para dar sentido às imagens encontradas.

A fotografia está além, muito além, do registro primário do real. Fixa a descoberta, doma e aprisiona a nossa surpresa, confere eternidade ao efêmero.

Não importa o meio, importa o encanto. Importa o ver, o descobrir e o sentir.

Usha tem tudo isso. Em doses ciclópicas.

\* Luis Humberto é fotógrafo, arquiteto, co-fundador e professor emérito da Universidade de Brasília.





Acima, 215 norte;  
ao lado, 415 norte





412 norte, em três momentos  
de uma tarde de domingo



Banquinhos, lembrança da roça. Na 412 sul. Ao lado, vida de criança: brincando embaixo do bloco, na 415 norte

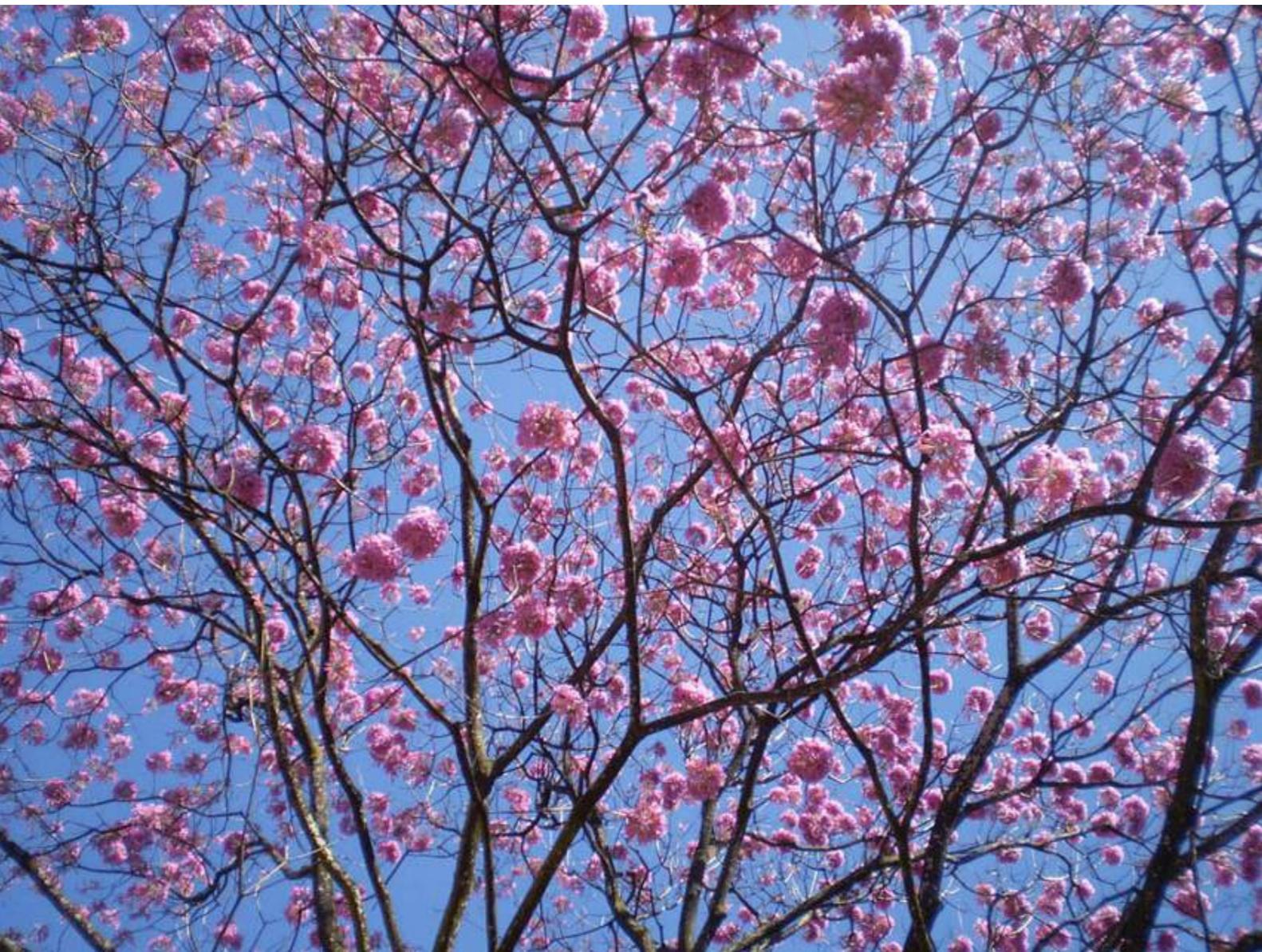




Descampado entre a 216  
norte e o lago. Acima, picolé  
no Museu da República

215 norte.  
Na página ao  
lado, espelho  
d'água no  
Museu da  
República

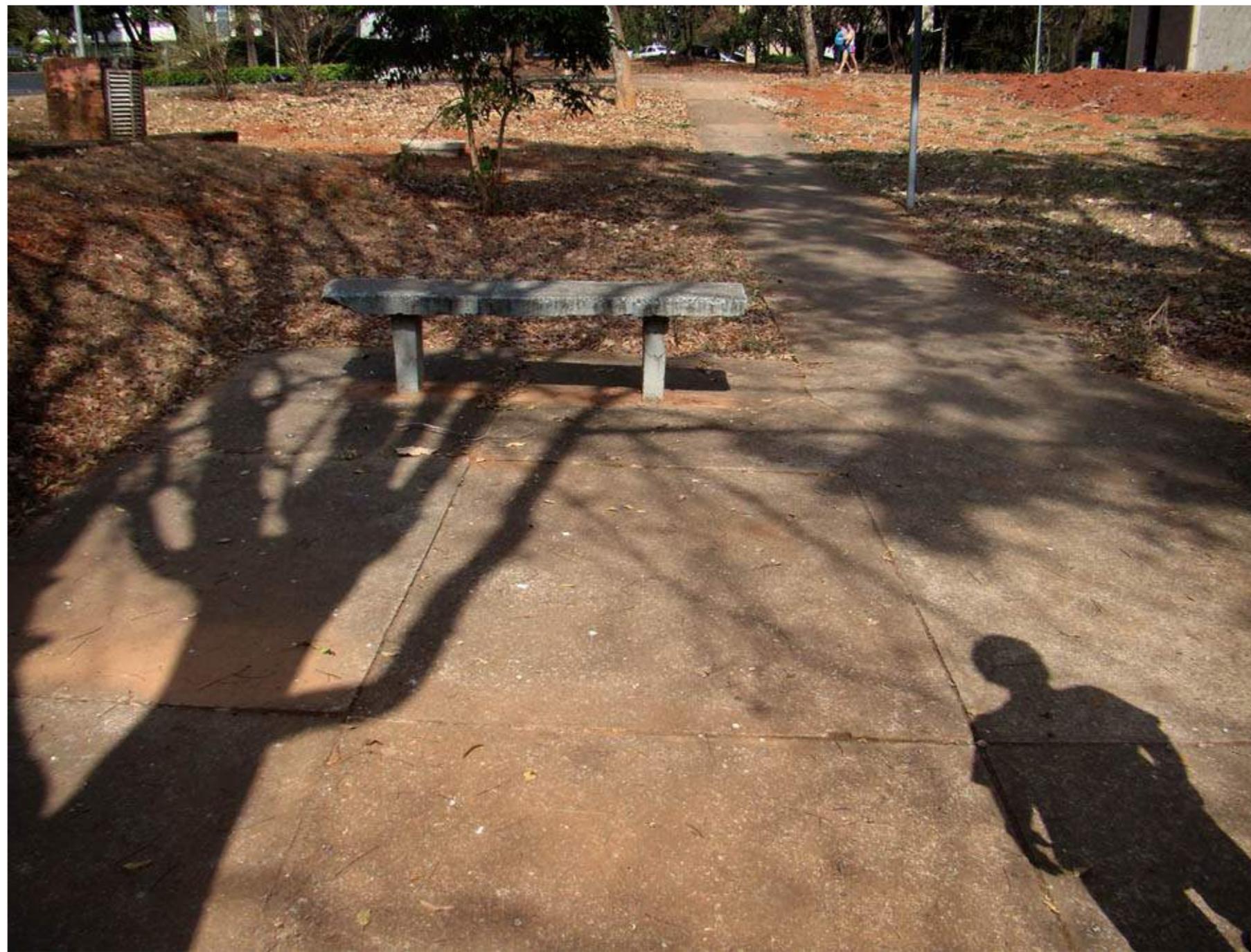




Ipê rosa em junho, na  
comercial da 206 sul



Pintura numa parede da 115 norte. Ao lado, a 415 norte na seca de agosto





Luz do finalzinho da tarde. Ao lado, 415, e acima, 216 norte

# Outras, são tantas quantas...

TT Catalão\*

A Brasília compartilhada por Usha nesse livro é a dela, mas vai além do testemunho visual particular. Sua visão tem a singela marca pessoal de uma sensibilidade que se insere pelas frestas e detalhes da paisagem cultural e natural. O depoimento captado é indiscutivelmente o de uma Brasília, dela. Porém não se trata de um circuito fechado nas próprias impressões. Usha parte da individualidade transfigurada em lente viva para sugerir aos demais brasilienses um relacionamento mais íntimo com o seu meio.

É um escape amoroso de silêncios e trechos. Atua nas frestas em que o olho viciado de pressa e preconceito deixa de sentir. Onde a maioria passa batida, a Usha bate um clique. E dá um toque para o universo oculto em nossos caminhos. Coisas que a gente não quer ver para enxergar só o que a domesticação do rebanho impõe. Usha flutua leve no contrafluxo. Não explica a cidade, não lança manifesto retumbante, não sobe no palanque dos ângulos fáceis. Enfim, não tá nem aí para o cartão postal. Na verdade até o desmente ao mostrar a cidade banal do seu peregrinar caminhante (marca de máquina sem tripé, bípede com o suor dos que vagam sem buscar grandiloquências).

E aí se torna manifesto. Revela a cidade fora dos monumentos e das cangas administrativas. Esquiva-se da carga política estratificada para fazer um circuito amoroso nos pedaços, para muitos, “sem importância”. Desse banal ela extrai a carga poética (assina com a própria silhueta no quadro) de quem observa e se faz integrante da paisagem.

A cidade precisa dessa desconstrução pelo banal. Está saturada de teses e doutores que se apropriaram de um sentido histórico parado no tempo e no espaço. A dinâmica nos mostra, hoje, que não pode existir patrimônio da humanidade sem o humano. No tempo novo das redes e conexões por teias a visão do indivíduo legitima o coletivo. O fator humano desestabiliza. O fato cultural ressignifica quando intervém e se apresenta fruto de novas colagens.

Usha faz esse elogio do caminhar para nos propor um ritmo contemplativo e atento. Temos tanto horizonte pra quê? Afinal um local (papo de GPS) se torna um lugar quando imprimimos nele a paisagem afetiva. E assim, de milhares de lugares pessoais, um habitat se afirma. A cidade acontece se o cidadão tece. A trilha de cada um realiza a tal construção coletiva. Cria massa crítica para reagir aos autoritários da vez, inflama e mobiliza quando as autoridades esquecem seus verdadeiros autores: nós!

A Brasília de Usha nos oferece um mapa, muito seu, não para ser seguido como tabela. É para abriremos a percepção para outras Brasília. Um deslocamento do local para o universal, como o rio da aldeia de Fernando Pessoa. Para chegarmos à condição de realmente ser humano. Sob contradições, sustos e repulsas, sorver a cidade para traduzi-la em beleza ou dor. Importa é criarmos relações, abrir os canais para o que nos cerca, perceber, refletir e intervir caso a comoção imponha.

Assim a cidade saiu dos rabiscos de Lucio Costa para ganhar pulso. Nós, os cangangos do sistema nervoso, em permanente construção. Saber que nos fazemos enquanto a cidade se faz. Punidos ou amados por diversas Brasília, às vezes, ciladas, nas outras, armadilhas, mas sempre a busca da utopia abortada: a cidade que nasceu de um sonho tem o compromisso de fazer da realidade um sonho ainda mais bonito.

E sonho começa COM UM... Brota, cresce, até virar COMUM!

\* TT Catalão é poeta, jornalista e “militante das causas perdidas”.



Recado na parede da 504 sul. Ao lado, arte no viaduto da 213/113 sul





Parede na 505 sul. Acima, bar  
na comercial da 213 sul



Paredes na 513 sul  
(acima) e 505 sul: os  
artistas melhoram a W3





Bloco D, na 311 sul. Ao lado,  
Bloco Q, na 415 norte



Abecedário  
de Brasília

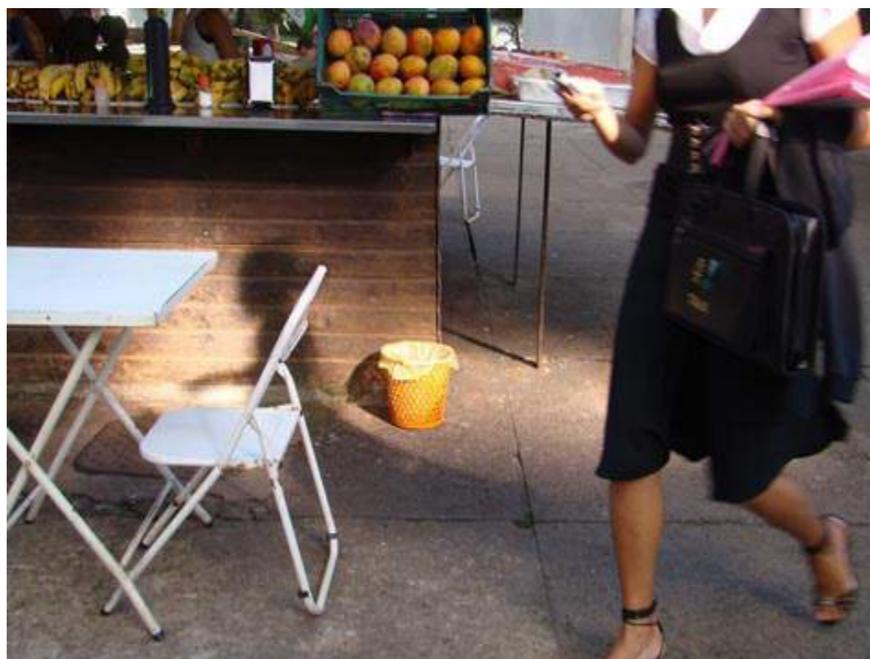


Bar Paulicéia, na 113 sul. Deus conserve os botequins e nos livre dos shoppings, amém.





Setor Comercial Sul,  
de manhã cedo



Setor Comercial Sul.  
Ao lado, fliperama  
no Conic





Parque Olhos D'Água.  
Ao lado, Departamento  
de Música da UnB





Banquinhos  
por aí fora,  
de norte a sul





Banquinhos  
da 415 norte





Acima, os mesmos banquinhos da 415 norte, na seca e na chuva.  
Ao lado, balanço na UnB

# Sob a forma de afago, as sombras

Susana Dobal\*

“A beleza de Brasília são as suas estátuas invisíveis” – foi a frase da Clarice Lispector que Usha Velasco escolheu como epígrafe para as suas fotos. O que vem em seguida é a mesma ideia em forma de uma sucessão de imagens. A beleza de Brasília está em alguma presença ausente, porém implícita. Nas fotografias, vê-se, então, apenas rastros dessa presença: não árvores, mas folhas secas no chão; não estátuas, mas muitos desenhos e pichações que são como estátuas bidimensionais; não retratos, mas pessoas fugazes passando sem tempo para mostrar o rosto, e sombras, muitas sombras.

É preciso estar entranhada em Brasília para ver não a luz ofuscante refletida na arquitetura monumental, lisa, moderna e sim as sombras que essa mesma luz produz derramada, como folhas secas, sobre o chão.

É preciso estar com os pés descalços tocando os poros da calçada para ver não as superfícies envidraçadas e reluzentes dos prédios da administração pública e sim as pichações nas paredes também povoando o espaço urbano.

É preciso estar diante da própria sombra com a mão aberta, como se essa sombra-mão pudesse tocar a calçada, para ver não o famoso céu de Brasília, mas o chão, sempre as texturas do chão, as calçadas, a faixa de pedestre, a grama, o barro vermelho, os pés dos outros, além dos dela mesma, pisando esse chão.

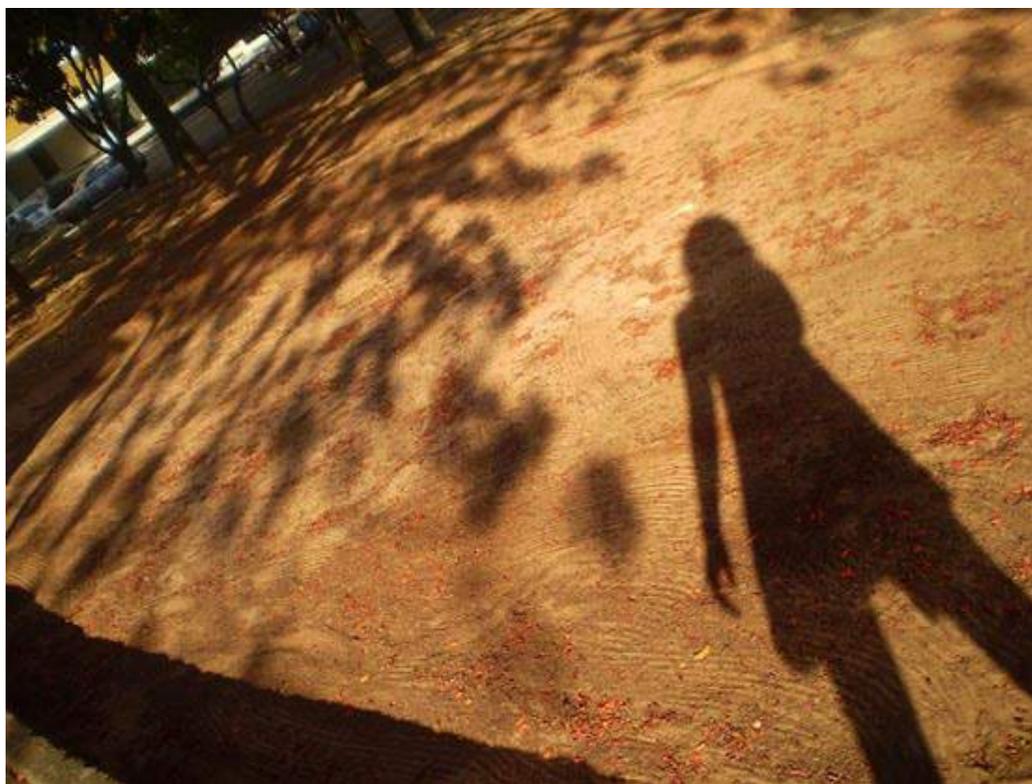
Em trabalhos anteriores (como na série *Se essa rua fosse minha*), Usha imprimiu suas fotos em tecidos que eram em seguida costurados – já vinha de lá a sua

vontade de tornar tátil a imagem. Aqui há apenas o papel liso das páginas do livro, mas as sombras das árvores, das pessoas, da própria fotógrafa deslizam nas calçadas, paredes, pistas. Desenhos misturam-se às pessoas que passam isoladamente como se gente, criaturas pintadas, reflexos e sombras pertencessem todos à mesma categoria de estátuas invisíveis pairando pela cidade. O sol gira, e assim como passam as pessoas, passam também, sob a forma de afago, as sombras.

Em um trabalho da juventude, na época em que só fotografava com negativo em preto e branco, Usha Velasco fez um ensaio que era apenas reflexos nos vidros dos carros no Setor Comercial. Já naquela época, ela olhava de uma maneira indireta para poder enxergar uma aparição outra das coisas da cidade – não por acaso as fotos desse livro apareceram primeiro no blog da fotógrafa que se chamava, justamente, *uma outra Brasília (a minha)*. De lá pra cá seus olhos passaram a ver cada vez mais vestígios: as folhas no chão, os bancos vazios, os grafites gritantes, as pessoas fugazes, as sombras. Tudo assume uma curiosa coerência, ainda que as fotos tenham sido feitas de maneira aparentemente casual, em caminhadas com o cachorro ou rumo à padaria, levando discretamente no bolso uma câmera compacta digital.

A beleza das estátuas invisíveis de Usha Velasco é a Brasília visível por detrás delas. Sombras passam, garis e costureiras estão incrustados nas árvores, grafites são tão reais quanto os esparsos cidadãos que vagueiam. Eis aqui alguém capaz de captar o que pode haver de intimidade no espaço urbano da capital federal. Portinhas e janelinhas falam de uma cidade menos monumental. E uma mesma sombra feminina atônita reaparece aqui, ali e acolá, como se estivesse sempre surpresa com o que encontra nos corredores da própria casa.

\* Fotógrafa e professora da Universidade de Brasília.



Tapete de flores de flamboyant, na 208 sul.  
Ao lado, sol da manhã na 205 sul





Ao lado, arte na rua  
(409 norte). Acima,  
o Cine Brasília refletido  
numa janela de carro

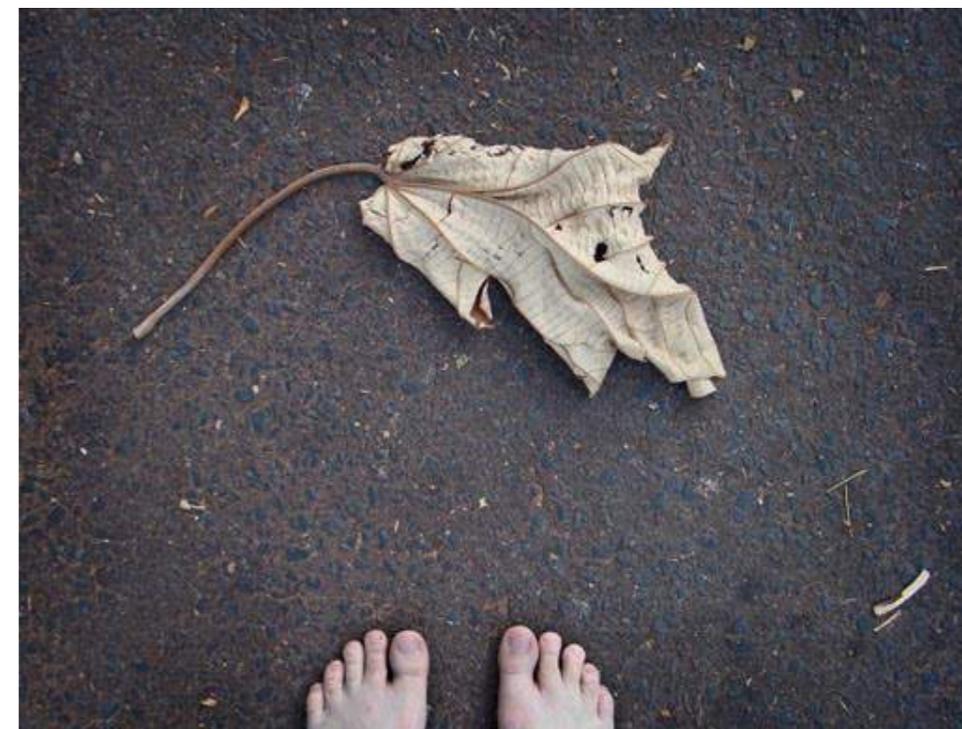


Arte na rua.  
De cima para  
baixo, 516  
sul, 714 sul  
e UnB. Ao  
lado, 310 sul





Graça, costureira na 214 sul:  
biroscas humanizam a cidade  
planejada. Ao lado, 308 sul



Carcaça poética na zona rural do Paranoá. Acima, folha de pau-balsa no asfalto



Comercial da 205 sul:  
elegante na frente, caipira  
nos fundos. Ao lado, Conic



Comercial da 313 sul, fundos. Ao lado, entrequadra 308/108 sul, comercial da 214 sul e Conic





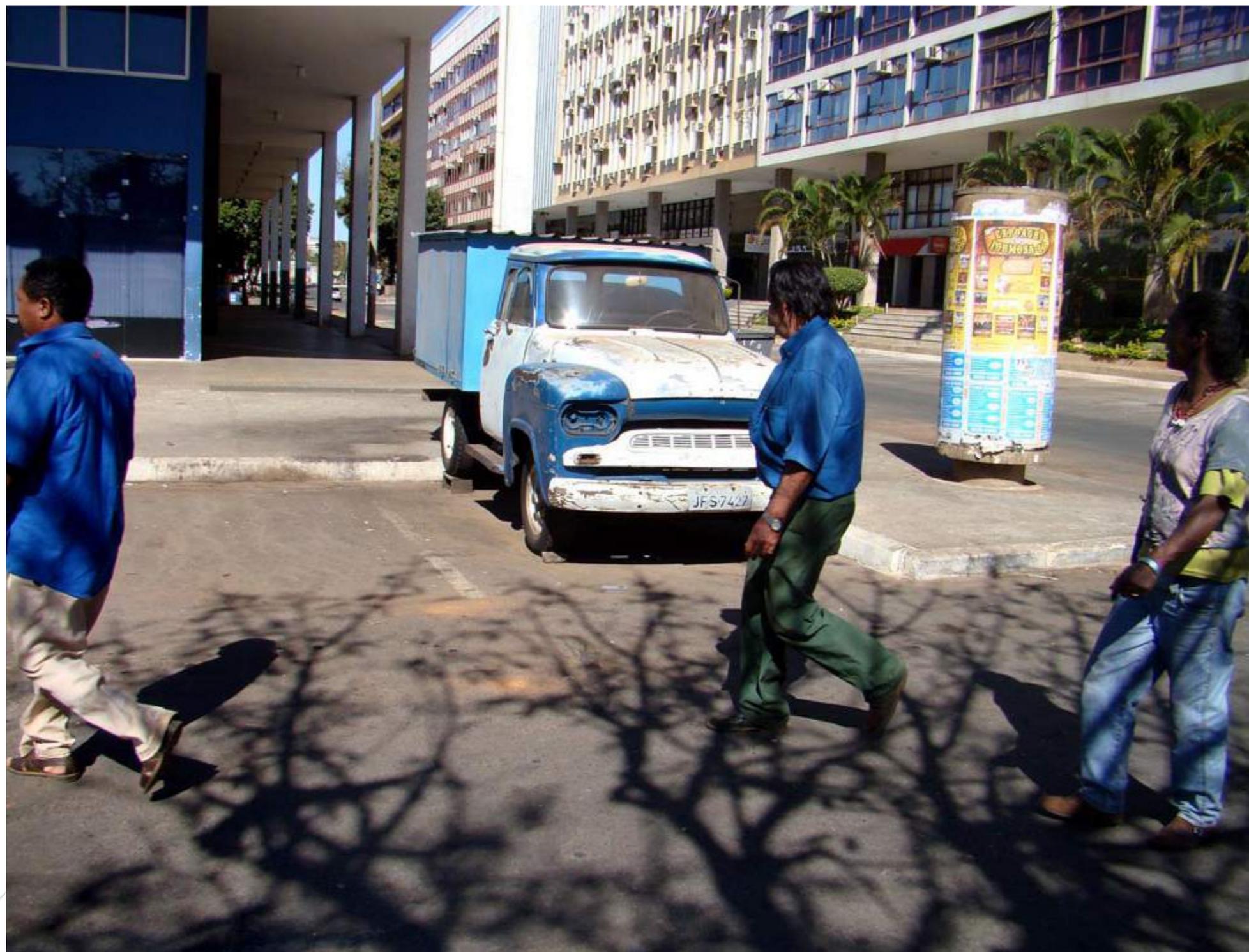
Mais cenários de infância:  
216 e 411 norte





Transeunte no Conic.  
Acima, tapete de flores e  
de sombras na 415 norte





Setor Comercial Sul  
no domingo.  
Acima, 313 sul



Variant na 713 sul.  
Ao lado, 112 sul





Arte reversa no Buraco do Tatu: as pinturas foram feitas limpando a sujeira da parede



Dois retratos da estação  
seca, na 415 norte





713 e 705 sul.  
Ao lado, 415 norte





Parque na entrequadra  
114/115 sul. Ao lado, flores  
de barriguda (paineira)  
na mesma calçada



Calçada na 416 norte.  
Ao lado, UnB



# A construção de uma história visual

Joaquim Paiva\*

A Brasília de Usha é muito mais humana, mais aconchegante, mais verde do que a que conheci, quando cheguei à nova capital em 1970, e onde residi durante 20 anos em quatro ocasiões. O Plano Piloto, recém-construído, parecia uma maquete arquitetônica, branca, totalmente branca, e que se destacava na paisagem, contra o imenso céu azul do planalto, pois as árvores não haviam crescido ainda, havia pouca grama e muita terra vermelha, uma bela terra vermelha.

*Uma Outra Brasília* sintetiza décadas de convivência com a cidade e o conteúdo do livro é constituído pelo entrelaçar harmonioso de dezenas de fotografias que se vinculam umas às outras: a facilidade de concatenar imagens é o resultado do trabalho que a fotógrafa desenvolveu durante três anos com o seu blog, pelo qual ela tem “particular carinho (...) porque é uma atividade ligada a duas coisas boas: fotografar e morar em Brasília.”

O blog possibilita com rapidez impressionante a veiculação de ideias, comentários e imagens, em quantidades que podem ser avassaladoras. O desafio é escolher a informação. E Usha escolheu mostrar-nos as suas fotos banhadas de luz, ainda que não o tenha planejado, mas assim o espectador as vê: essa luz intensa, transparente, do Planalto Central. É como se a fotógrafa tivesse decidido fotografar somente em dias de sol e céu azul, de que Brasília desfruta quase o ano inteiro. A mesma luz que projeta a sombra da fotógrafa no chão, tornando luz, fotógrafa, sombra, cidade e fotografia uma coisa só. A ligação de Usha com a sua cidade não será compreendida facilmente pela maioria dos brasileiros, para quem Brasília não é uma cidade onde se mora, onde se vive o dia-a-dia de qualquer pessoa, mas onde se faz política, política que é mostrada todos os dias na televisão. Justapor imagens em uma mesma página e criar uma narrativa é um desafio para

o fotógrafo e a estética deste livro é esta: as fotografias se juntam por afinidades de tema, forma, cores – na maioria dos casos, ou por aparente dessemelhança, como na página, por exemplo, em que coloca lado a lado bandeirinhas e chapéus. O exercício de vincular imagens a fotografia o praticou anos a fio como integrante de um dos primeiros e mais duradouros coletivos de fotógrafos-artistas do Brasil – o Ladrões de Alma, surgido em Brasília no final dos anos 80, e que reunia um grupo de fotógrafos inquietos com as possibilidades da linguagem fotográfica autoral.

O ensaio fotográfico (conjunto coerente de imagens), e não a imagem isolada, é o trabalho mais instigante de um fotógrafo, e aqui volto às palavras de Usha: “Eu coleciono coisas que são caras a mim, que mexem com a minha sensibilidade, com a minha memória, com as minhas inquietações ou angústias; o que faz deste grupo de imagens um conjunto é o fato de essa ‘coleção’ fazer sentido para mim. Eu era uma menina do interior que veio morar em Brasília e sou muito grata porque a cidade até hoje me oferece elementos preciosos da minha infância: ‘a minha’ Brasília lembra muito uma cidade do interior.”

A mim me perguntaram recentemente por que dedicar um livro a uma cidade, a propósito de projeto de livro meu também sobre Brasília, e respondi que tantos fotógrafos assim o fizeram, como Atget e Brassai (Paris), Araki (Tóquio), Marc Ferrez (Rio), Mascaró (São Paulo). Brasília, por sua vez, tem livros de Fontenelle – *Minha mala, meu destino*; Luiz Humberto – *Brasília, Sonho do Império, Capital da República*; Orlando Brito – *Perfil do Poder*; Duda Bentes e Catherine Aubertin – *Brasília, Distrito Federal*, entre outros, como o livro do qual participei juntamente com o fotógrafo americano Tedd Eberle e o canadense Robert Polidori – *Brasília de 0 a 40*. Os fotógrafos contribuem para a construção da história visual, mítica da cidade: “Uma outra Brasília” de Usha Velasco é um aporte para essa construção, em que o interesse maior recai, na verdade, sobre o olhar de cada fotógrafo.

\* Joaquim Paiva é fotógrafo, colecionador de fotografia e diplomata. Residiu 20 anos em Brasília. Suas obras estão no Museu da Memória Candanga e no Museu de Arte de Brasília. Sua mais recente exposição na cidade foi *Foto na Hora: Lembrança de Brasília*, Caixa Cultural, 2010 (nos 50 Anos da capital). Publicou, entre outros, o livro *Brasília de 0 a 40* (2000).

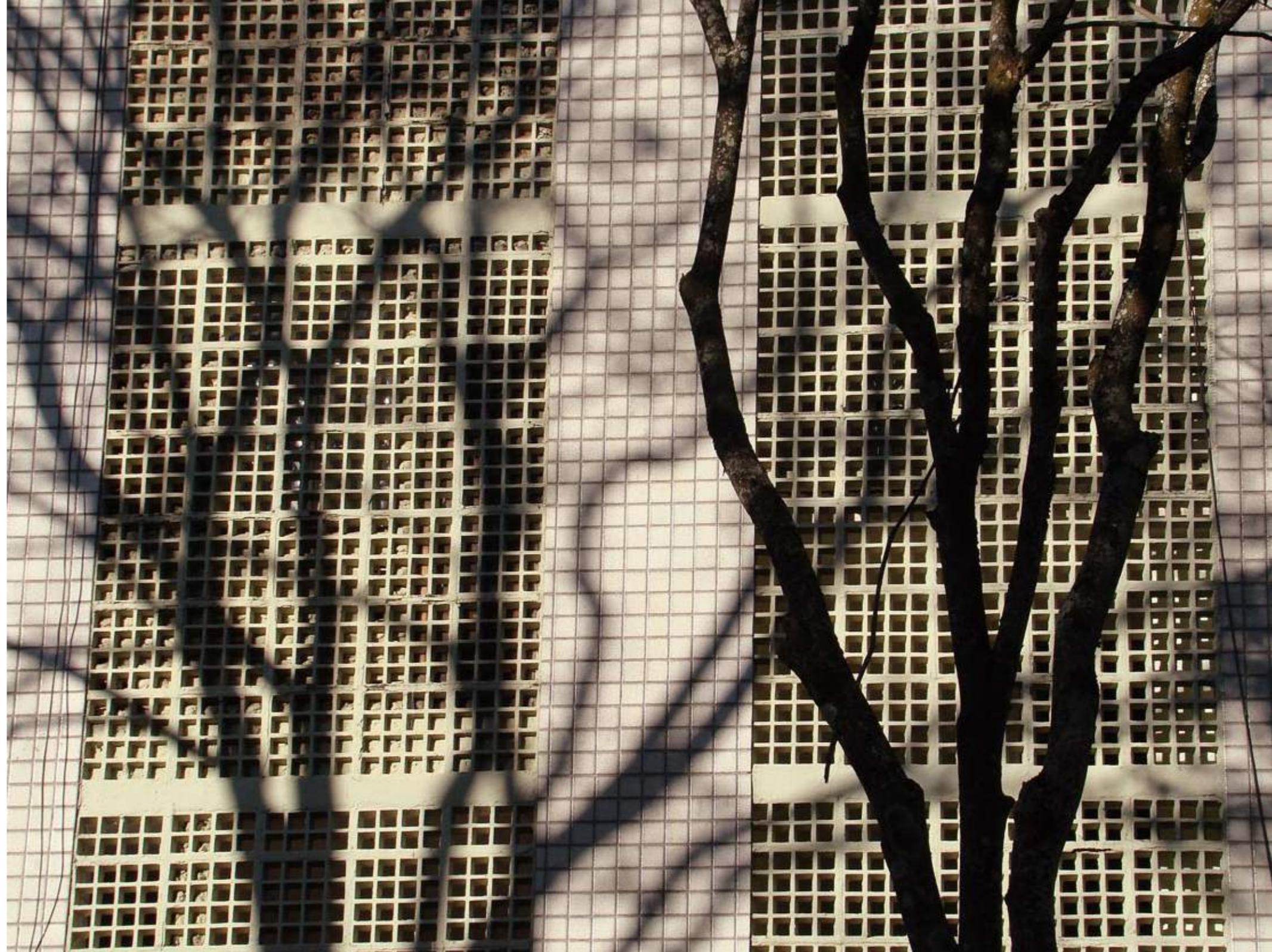


Fachada na  
410 sul.

Acima, UnB



Fachada na 412  
norte. Acima,  
acesso ao parque  
Olhos D'Água





Mais tapetes  
de flamboyant.  
Na 415 norte



Fundos de um salão  
de beleza, 314 sul.  
Ao lado, "casinha" da  
CEB na 415 norte





Resquícios de festa junina na  
513 sul. Ao lado, loja na W3 norte



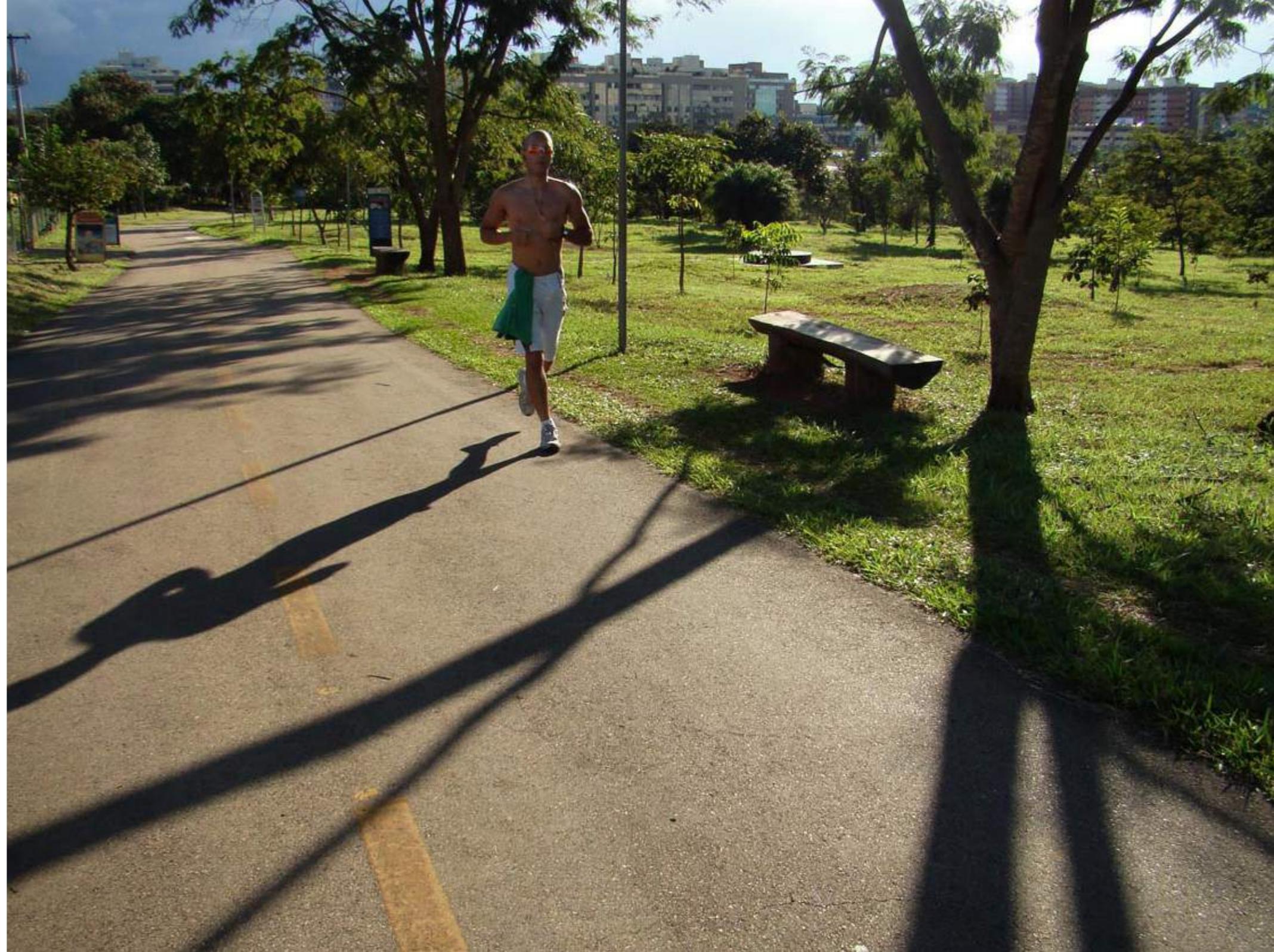


São João no Conic.  
Acima, feira da Torre





Parque Olhos D'Água





Aqui trabalha o Jair, sapateiro,  
na entrada da 415/416 norte. Ao  
lado, final de tarde na 216 norte





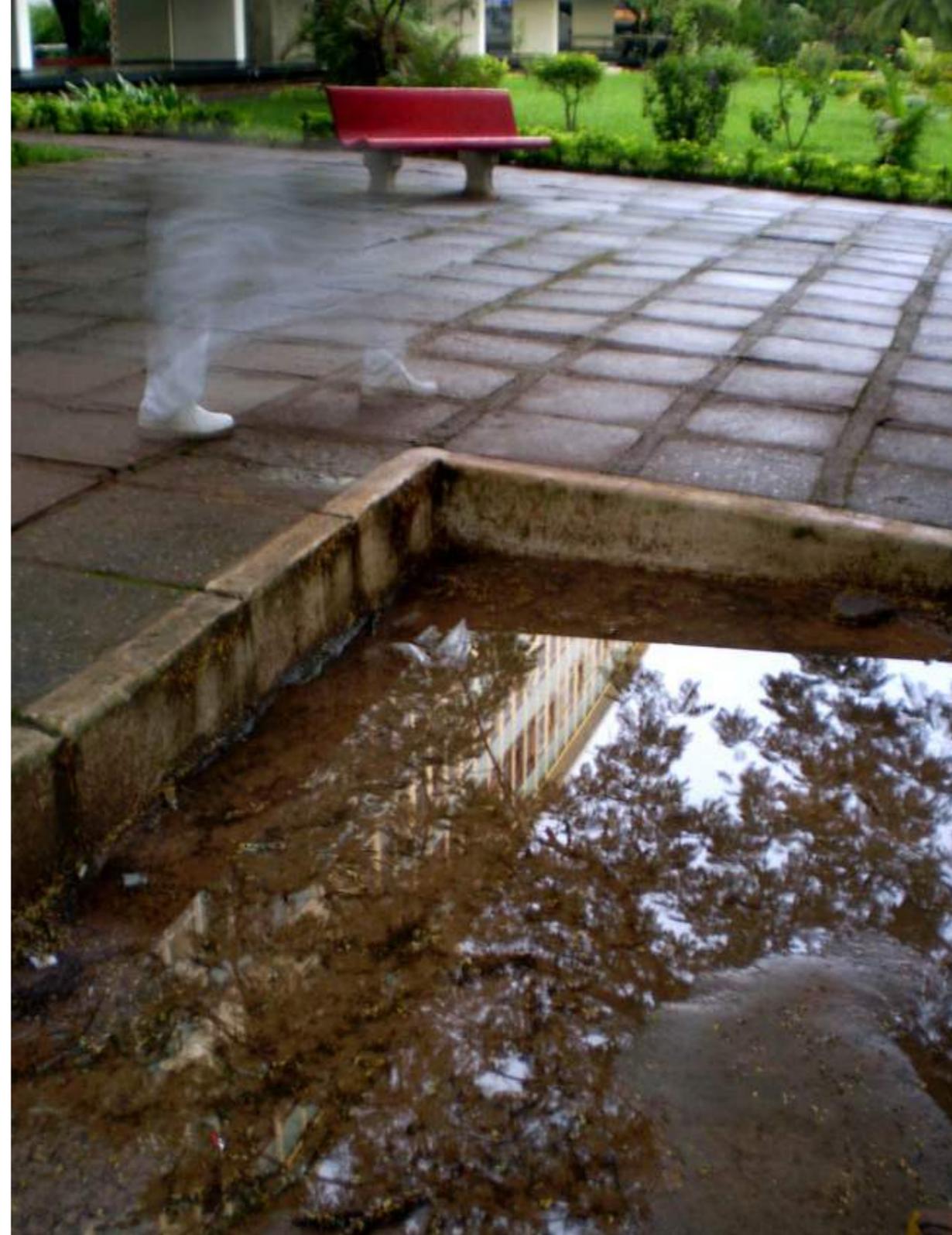
Final de tarde na  
313 sul (acima) e na  
416 norte (ao lado)

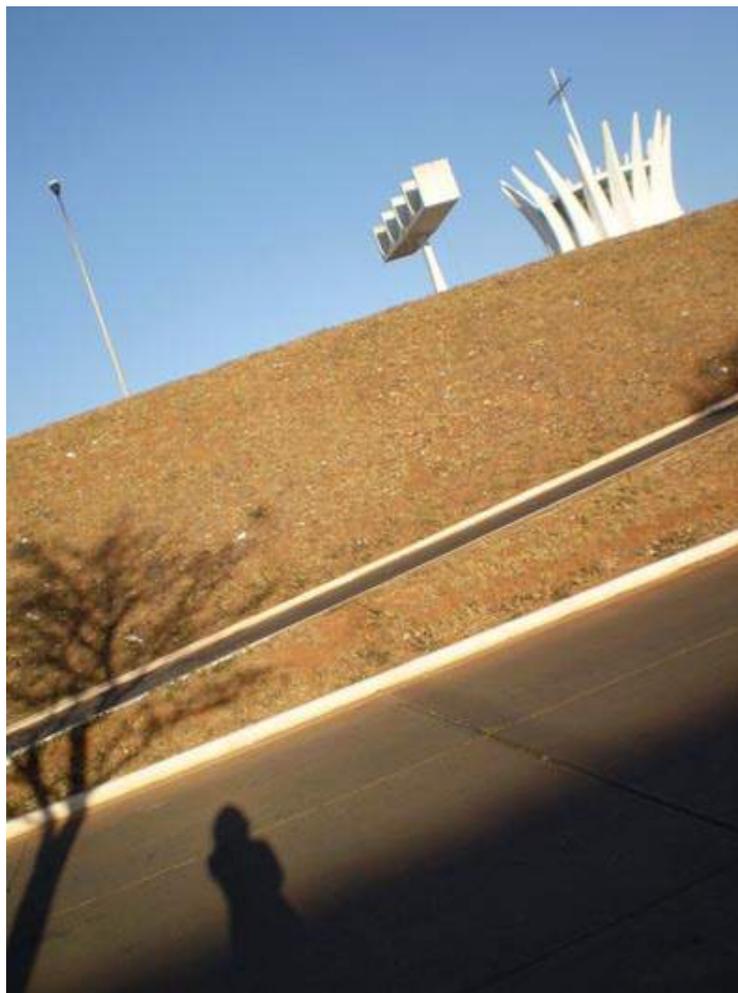




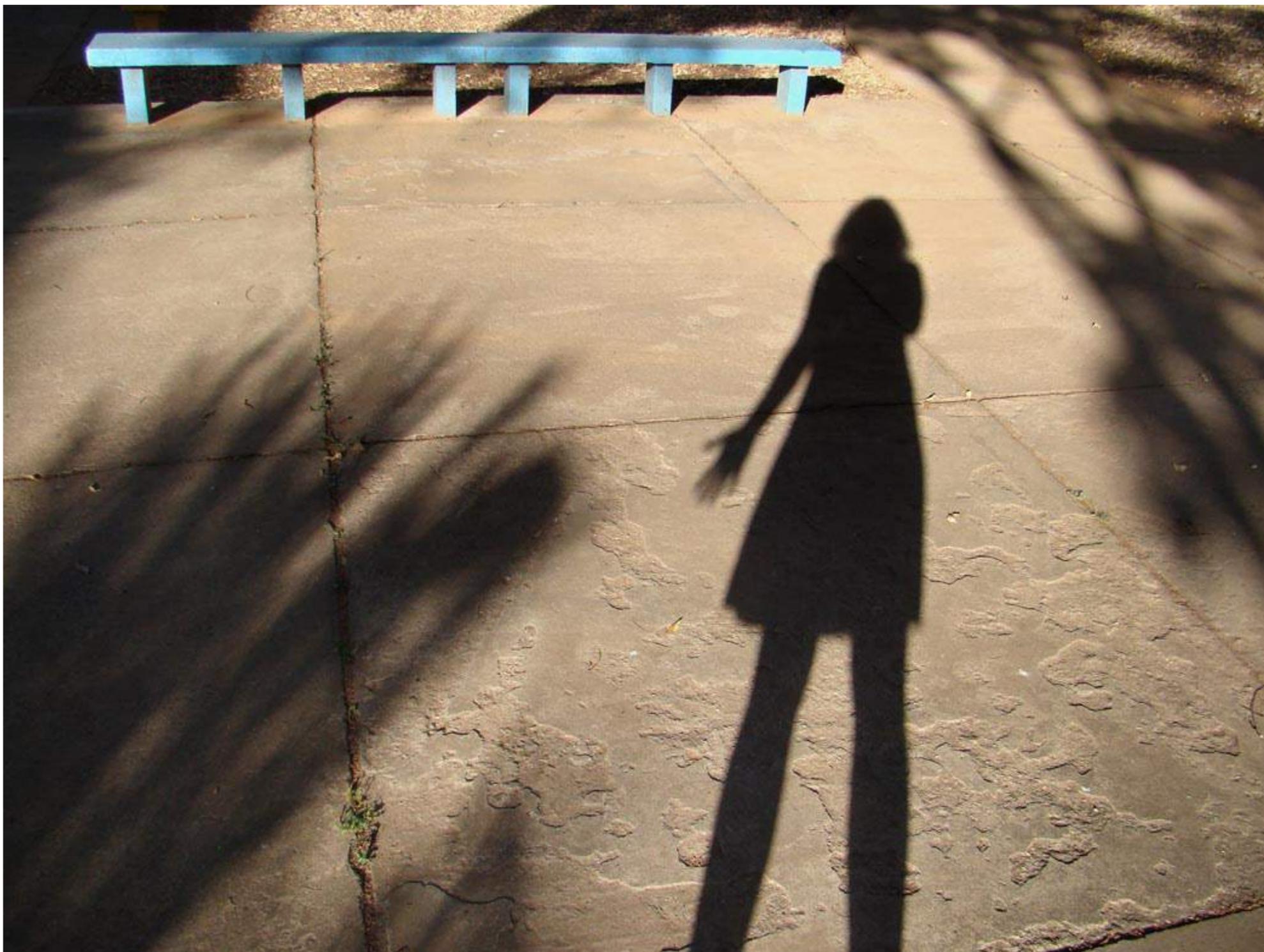
Dois pés numa calçada da Asa Sul (acima) e uma não-porta na 415 norte

Saindo  
da padaria,  
na 114 sul.  
Na página  
ao lado,  
"aparição"  
depois da  
chuva





Catedral em um ângulo pouco turístico. Ao lado, 416 norte



## Agradecimentos

Ao Aloísio, amigo e companheiro de tantos projetos. Ao Luis Humberto, professor ímpar, cujas aulas sempre foram tão além da fotografia. Ao Joaquim Paiva, que doou muito do seu tempo quando eu tinha vinte anos e que disse: “Tem que ousar”. Ao TT Catalão por dois emocionantes TTextos, um em 1991, outro vinte anos depois. A Luísa e Bruna, pela existência e pela presença. A Carmen e Iza, pela força que me deram para este livro sair. A Lucio Costa, por imaginar uma cidade com pessoas melhores. A Athos Bulcão, por fazer arte para ser vista na rua, e aos grafiteiros brasilienses, pelo mesmo motivo. E a todos os amigos que viveram e vivem a cidade comigo, desde a época em que brincávamos no alto das árvores.